

Entre diretrizes e realidade: a percepção do enfermeiro no manejo da sepse em unidades de pronto atendimento



Autor principal:

Luana Moraes Moreira Pinheiro

Enfermeira intensivista e pediátrica, com atuação em Unidade de Pronto Atendimento 24h, Hospital do Coração de Messejana na sala de parada e na emergência pediátrica do Hospital Unimed Sul, com experiência em regulação de central de leitos, Sistema Intrgrah e Fastmedic.

Instituição:

UPA Bom Jardim/ Viva Rio

E-mail para contato:

vreduca@vivario.org.br

Resumo:

A sepse é uma síndrome clínica grave, resultante de uma resposta inflamatória sistêmica desregulada a uma infecção, que pode evoluir para choque séptico e disfunção de múltiplos órgãos, sendo considerada uma das principais causas de mortalidade em ambientes hospitalares e pré-hospitalares (BRASIL, 2024; RIBEIRO et al., 2024). Nas Unidades de Pronto Atendimento (UPAs), a identificação precoce e o manejo imediato dos casos suspeitos de sepse são determinantes para o prognóstico e a redução da mortalidade. O Protocolo Clínico de Sepse Adulto constitui-se como uma ferramenta essencial na padronização das condutas assistenciais, assegurando que o reconhecimento dos sinais clínicos, a coleta de exames laboratoriais, a administração precoce de antibióticos e o suporte hemodinâmico ocorram dentro do tempo recomendado, geralmente na primeira hora do atendimento (INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE SEPSE, 2021). Nesse cenário, o enfermeiro da classificação de risco da (UPA) tem papel fundamental, pois frequentemente é o primeiro profissional a reconhecer a suspeita de sepse, acionar o protocolo, iniciar medidas terapêuticas e liderar o cuidado junto à equipe multiprofissional. Compreender a percepção do enfermeiro sobre a aplicação do Protocolo Clínico de Sepse em uma Unidade de Pronto Atendimento permite identificar facilidades, desafios e oportunidades de melhoria, fortalecendo a qualidade assistencial e contribuindo para a consolidação de uma cultura de segurança e resposta rápida ao paciente séptico. O trabalho foi desenvolvido em uma unidade de pronto atendimento (UPA), para analisar a percepção dos enfermeiros quanto à aplicação do protocolo clínico de sepse adulto. A experiência envolveu observação direta das práticas assistenciais e relatos dos profissionais de enfermagem durante o atendimento aos pacientes com suspeita ou diagnóstico confirmado de sepse. O enfermeiro tem o papel fundamental na triagem rápida, identificação precoce dos critérios de sepse, e na articulação da equipe multiprofissional, garantindo a execução tempestiva das condutas preconizadas. Período de Realização: Foi desenvolvido entre os meses de janeiro e julho de 2025, período em que foram observadas e analisadas as práticas dos enfermeiros relacionadas à aplicação do protocolo clínico de sepse adulto na UPA da rede municipal de Fortaleza-CE. Durante esse intervalo, foram registradas as ações de reconhecimento precoce, manejo inicial e acompanhamento dos pacientes sépticos, permitindo uma análise aprofundada da atuação da equipe de enfermagem e dos impactos da utilização do protocolo na assistência prestada. Objetivo: Relatar a percepção do enfermeiro da emergência sobre a aplicação do protocolo clínico de sepse adulto em uma unidade de pronto atendimento, destacando a importância de sua atuação no reconhecimento precoce, bem como os desafios e aprendizados decorrentes da implementação do protocolo na prática assistencial. Resultados e Aprendizados: A experiência evidenciou que a atuação do enfermeiro é determinante para o sucesso na aplicação do protocolo clínico de sepse adulto, especialmente nas etapas de reconhecimento precoce e início das intervenções terapêuticas. A presença de um enfermeiro capacitado e atento aos sinais clínicos foi fundamental para a agilidade no atendimento e para a redução do tempo entre o diagnóstico e o início da antibioticoterapia, refletindo diretamente na melhora do prognóstico dos pacientes. Além disso, a experiência reforçou a importância da comunicação efetiva entre os profissionais e da padronização das condutas assistenciais, fatores que contribuíram para a consolidação de uma cultura de segurança do paciente. Contudo, foram identificadas dificuldades operacionais relacionadas à resistência de alguns profissionais na adesão ao protocolo, o que aponta para a necessidade contínua de educação permanente da equipe multiprofissional e monitoramento dos indicadores de desempenho. A análise crítica do relato demonstra que, embora o protocolo clínico de sepse seja uma ferramenta consolidada e de comprovada eficácia, sua efetividade depende da integração entre conhecimento técnico, atitude proativa e trabalho em equipe. Portanto, o aprendizado obtido reforça a necessidade de investimentos permanentes em capacitação contínua e acompanhamento dos processos, assegurando que a aplicação do protocolo não seja apenas uma exigência técnica, mas uma prática incorporada à cultura de cuidado e à missão institucional de salvar vidas.